



O Desenvolvimento Desigual e Combinado: paralelos entre as obras “História da Revolução Russa” de Trotsky e “Dialética da Dependência” de Ruy Mauro Marini

Mário Costa de Paiva Guimarães Jr.¹
Tiago Camarinha Lopes²

Resumo

Ao comparar passagens específicas das obras História da Revolução Russa de Trotsky e Dialética da Dependência de Marini mostramos que o conceito de Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado, elaborado e aperfeiçoado entre outros autores por Marx, Lenin e Trotsky está presente no pensamento de Marini. O artigo levanta a tese de que a Lei é redescoberta por vários pensadores da esquerda latina americana desde os anos 1960 porque ela é uma verdade objetiva.

Palavras-chave: Marini, Trotsky, desenvolvimento desigual e combinado, dialética da dependência, marxismos.

El desarrollo desigual y combinado: paralelos entre las obras “Historía de la Revolución Rusa” de Trotsky y “Dialéctica de la Dependencia” de Ruy Mauro Marini

Resumen

Al comparar partes específicas de las obras Historia de la Revolución Rusa de Trotsky y Dialéctica de la Dependencia de Marini, mostramos que el concepto de Ley del Desarrollo Desigual y Combinado, elaborado y mejorado entre otros autores por Marx, Lenin y Trotsky, está presente en el pensamiento de Marini. El artículo presenta la tesis de que la Ley es redescubierta por varios personajes de la izquierda latinoamericana desde los años 1960 porque ella es una verdad objetiva.

Palabras clave: Marini, Trotsky, Desarrollo desigual y combinado, Dialéctica de la dependencia, Marxismos.

The combined and uneven development: parallels between the "History of the Russian Revolution" of Trotsky and "Dialectics of Dependence" of Ruy Mauro Marini

Summary

By showing specific passages of Marini's Dialectics of Dependence and Trotsky's History of the Russian Revolution, we defend that the concept of the Law of Uneven and Combined De-

¹ Universidade Federal de Uberlândia.

² Universidade Federal de Goiás.

velopment is present in Marini's thought. The paper raises the thesis that the Law is rediscovered by various Latin American left thinkers since the 1960s because it is an objective truth.

Keywords: Marini, Trotsky, unequal and combined development, dialectics of dependency, marxisms

1. Introdução

O texto *Dialética da Dependência* escrito em 1973 pelo intelectual orgânico brasileiro Ruy Mauro Marini é uma vigorosa contribuição para o desenvolvimento do pensamento marxista na América Latina. Isto porque ele propicia, no momento em que a esquerda latina americana, abalada pelos desenvolvimentos que culminaram em uma série de Golpes Militares vinculados ao imperialismo capitalista, começou a reavaliar a estratégia política de realizar alianças com setores políticos oriundos da burguesia.

A partir dos anos 1960, novos caminhos metodológicos para pensar e mudar a realidade histórica, política, econômica e social do continente começaram a entrar em debate. Ruy Mauro Marini, ao demonstrar nesse e em seus demais textos, uma perspectiva original e experimental da teoria do valor em conjunto com as táticas políticas revolucionárias assentadas no pensamento de Karl Marx, aliou sua trajetória acadêmica e suas reflexões teóricas à prática transformadora frente à situação de extrema desigualdade econômica e social que caracterizava (e ainda caracteriza) a realidade dos países da América Latina.

No decorrer da leitura do texto *Dialética da Dependência*, percebe-se em diversos trechos a presença de uma importante concepção teórica, denominada Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado. Esta concepção foi elaborada por um conjunto de contribuições ao longo do tempo.³ Adotamos aqui a forma do desenvolvimento desigual e combinado como exposta por Leon Trotsky, visto que a intenção do trabalho é fazer um paralelo entre as obras *História da Revolução Russa* e *Dialética da Dependência*.⁴

³ Como alertou Demier (2005), Lênin utilizava a “Lei do Desenvolvimento Desigual” para refletir sobre os ritmos desiguais com que o capitalismo se implantava na região. Porém, Trotsky acrescentou a essa, a concepção do “Desenvolvimento Combinado” expondo a relação dialética entre a condição de atraso com a condição de desenvolvimento, nos países com desenvolvimento retardatário. Demier (2005) nos lembra ainda, que Trotsky nunca dedicou uma obra sua para analisar especificamente a sua própria formulação, da “Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado”. Mas Trotsky, a expressou em seus escritos que refletia questões concretas da realidade de alguns países atrasados. Entre os inúmeros textos em que Trotsky expressa sua elaboração sobre a “Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado”, citados por Demier, destacamos a “História da Revolução Russa” (1 ed.. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2007, Tomo I), “Balanços e Perspectivas” e a “Revolução Permanente”, ambos contidos na coletânea intitulada “A Teoria da Permanente. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2010.

⁴ Esse texto tem o objetivo específico de verificar a presença da lei do desenvolvimento desigual e combinado no pensamento de Ruy Mauro Marini. A referência a Trotsky decorre do fato de seus escritos, em especial na *História da Revolução Russa* ilustrar com clareza a forma que essa lei se desenvolve durante esse processo histórico.

2. A Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado

O estudo realizado por Trotsky ([1930] 2007) sobre a Revolução Russa permitiu retirar algumas conclusões interessantes para o movimento revolucionário internacional. Uma das principais foi a chamada Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado. Do que se trata? Toda a questão de compreensão sobre como a Revolução de Outubro se concretizou na Rússia girava em torno das possibilidades do socialismo em economias não industrialmente avançadas naquele período, como a Alemanha, os Estados Unidos e a Inglaterra. Os momentos antecedentes à Primeira Guerra Mundial atraíam toda a atenção dos comunistas para este país. Conforme, no entanto, a social-democracia alemã não impediu a guerra, e o reformismo se tornou a guia do partido social democrata alemão, as condições de realização da revolução socialista ali murcharam, encontrando importantes obstáculos. Por outro lado, elas foram amadurecendo e desembocaram em um evento transformador genuinamente socialista na Rússia em Outubro de 1917.

Como isso era possível? A resposta de Trotsky, em linhas gerais, é exposta no capítulo 1 de *História da Revolução Russa*. A tese central de Trotsky é a de que a Revolução Socialista ocorreu na Rússia devido às características específicas da economia e sociedade russas: foram estes condicionantes particulares que abriram a possibilidade dos eventos que culminam na conquista do poder pelos bolcheviques.

De acordo com Trotsky ([1930] 2007), devido ao elevado grau de desenvolvimento capitalista nos países europeus ocidentais, o tsarismo russo vai se aprofundando em contradições cada vez mais graves e agudas. Em seu estudo sobre a decadência do regime monárquico russo, Trotsky nunca deixa de considerar os eventos locais em conexão com os eventos mundiais, em específico, com os movimentos políticos e econômicos das regiões capitalistas mais avançadas. Assim, conforme se consolidam as estruturas capitalistas, o tsarismo ainda existente no século XX começa a esbarrar em limites cada vez mais estreitos, visto que o desenvolvimento capitalista na Rússia ocorre de uma forma descomunal e pontual. Ele se beneficia dos enormes avanços já conquistados pelas transformações na Europa Ocidental, como por exemplo, o desenvolvimento de uma certa maquinaria, que é então, utilizada diretamente na economia russa. Essa combinação que se sublimará na Rússia, ou seja, a convivência de mé-

Não ignoramos as contribuições de vários outros marxistas que ajudaram a esclarecer os fatos da vitória bolchevique, mas a análise comparada entre autores neste ponto foge ao propósito desse artigo. A ampliação desse debate será retomada no decorrer dos próximos trabalhos que darão continuidade a essa pesquisa desenvolvida até aqui.

todos de produção arcaicos, adequados às relações sociais de produção do feudalismo, com a estrutura produtiva da grande indústria já formada e, portanto, transportada diretamente dos centros para ali, causa uma situação que podemos designar de “aproximação temporal da revolução burguesa com a revolução socialista”.

De forma bastante resumida, a idéia pode ser assim sintetizada: consolidadas as revoluções burguesas na Europa, o capitalismo avança para demais regiões do continente operando ainda em bases feudais. O processo natural seria então a ocorrência de uma revolução burguesa, que rearranja as relações sociais de produção de acordo com a lógica do capital. No entanto, devido ao fato de as estruturas industriais já formarem exércitos grandes de proletários nos grandes centros urbanos da “nação atrasada” (como era o caso de Petrogrado em relação à vastidão do campo russo), e devido ao fato da ideologia comunista já ter sido desenvolvida na Europa e poder ser rapidamente transmitida pelas vias de comunicação para qualquer canto, as reivindicações sociais típicas da burguesia apoiadas pelos trabalhadores (como liberdade de ir e vir, liberdade de expressão, etc...) se transformam rapidamente em demandas sociais exclusivas dos trabalhadores assalariados. O que é para ser uma revolução burguesa periga, então, de se transformar em uma revolução socialista.

Segundo Trotsky, esta brecha histórica pode ser usada de forma consciente para desencadear a queda do antigo regime em um processo que resulte imediatamente na revolução socialista. Em sua avaliação, Lênin soube usar esta janela com consistência ao possibilitar, via organização do partido bolchevique, que as revoltas de 1905 se tornassem os movimentos que instauraram e liquidaram o Governo Provisório encabeçado por Kerensky entre Fevereiro e Outubro de 1917.

Na superfície, parece que houve um pulo de etapas, mas o que de fato ocorre é que a permanência do regime burguês é tão efêmera que sua localização histórica se torna extremamente comprimida. Este parece ser um ponto a ser destacado, visto que muitos se opõem a noção de revolução em Trotsky por achar que ela aceita ser possível pular a etapa de desenvolvimento capitalista.

A desigualdade em combinação das diferentes economias cria certas regiões onde as contradições entre o velho e o novo sistema são tão grandes que as duas revoluções (a que elimina o antigo regime e a que abre o caminho para o regime socialista) ficam muito próximas temporalmente. Na totalidade, vale o esquema abstrato de Marx (a humanidade não chegará ao socialismo sem passar pelo capitalismo), mas para certos grupos específicos, o que conta é que em algum outro ponto tenha havido o desenvolvimento capitalista das forças pro-

ditivas, que se tornam cada vez mais globais. A Revolução Socialista não pressupõe a existência do capitalismo em todos os cantos do globo.

No caso da Rússia, quando o fim do feudalismo se delineia, a revolução ali tem forte potencial para avançar além da Revolução Burguesa. A Revolução de Fevereiro não conseguiu ser paralisada e descambou para a Revolução de Outubro, devido também às ações conscientes de organização do Partido de Lênin (Trotsky ([1930] 2007)). Seguindo a perspectiva internacionalista e global de Marx, Trotsky enfatiza a todo instante que, se o resto do mundo não acompanhar a revolução mundial socialista *apenas iniciada* na Rússia, não haverá sucesso. Daí deriva a ênfase no internacionalismo e na ligação constante de elos revolucionários em diferentes localidades ao longo do tempo. É a partir deste ponto que se pode então partir para um aprofundamento sobre o conceito de Revolução Permanente.

O importante a destacar aqui é que a teoria formulada por Trotsky representa um caminho alternativo ao proposto por grande parte da esquerda mundial no decorrer do século XX. A oficialidade comunista defendia uma estratégia de avanço por etapas para o desenvolvimento do processo da revolução socialista nos países com economia dependente. A orientação da III Internacional (Depois de Lênin) aos partidos comunistas da América Latina na primeira metade do século XX era a de realizar alianças com setores da burguesia nacional visando desenvolver as forças produtivas locais, visando desenvolver primeiramente a economia nacional em bases capitalistas, para, após essa etapa pensar na estratégia de organização dos trabalhadores para a tomada do poder político e econômico.

A estratégia pautada na Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado, enxergando o funcionamento global do capital de forma dialética, colocou no centro da ação dos trabalhadores a possibilidade e a necessidade de realizar de imediato, nesses países com economia dependente, um processo de ruptura com o capitalismo *que se baseasse nos avanços já angariados pelos centros desenvolvidos*.

3. A Dialética da Dependência como expressão da lei na América Latina

É curioso perceber que Ruy Mauro Marini⁵, em seu texto *Dialética da Dependência*, de forma justa e necessária, faz referências a Karl Marx, Nelson Werneck Sodré, Andre Gun-

⁵ Essa prática não é exclusiva de Ruy Mauro Marini. Diversos outros autores, no decorrer do século XX e no início do século XXI, utilizaram (e utilizam) premissas e concepções elaboradas por Leon Trotsky, e não fizeram (e não fazem) a devida referência. É possível que a supressão da referência seja, por um lado, de cunho político, e não de falta de cientificidade. Por outro lado, é provável que muitos autores de esquerda realmente não tenham tido contato com o pensamento de Trotsky. O capítulo 2 de Camarinha Lopes (2011) é de fato uma redescoberta

der Frank⁶, Georges Canguilhem, Celso Furtado, Paul Bairoch, Túlio Halperin Donghi, Friedrich Engels, Paul R. Olson, C. Addison Hickman, Maximilien Rubel, Roberto Cortés Conde, Don L. Huddle, Boris Fausto e Ernest Mandel. Mas não faz em nenhum momento a devida referência a Leon Trotsky.

Em sua análise sobre o pensamento de Economia Política no Brasil, Mantega (1985) apontou uma identificação entre as teorias desenvolvidas por Leon Trotsky, Ruy Mauro Marini e André Gunder Frank, destacando além da Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado, a Teoria da Revolução Permanente e a ideia de que “as forças produtivas da humanidade haviam deixado de crescer”.⁷ Diversos outros autores indicaram também semelhanças entre Marini e Trotsky, mas sempre pelo viés estratégico da ação revolucionária.

Alguns trechos específicos do texto *Dialética da Dependência* expressam nitidamente a presença do movimento do modo de produção capitalista total criando espaços diferenciados (ou desigualdades) entre regiões que abrem possibilidades singulares para o início do modo de produção seguinte em localidades geralmente desprezadas por muitos marxistas e militantes que ficaram presos na noção de linearidade etapista difundida conforme o pensamento de Marx se tornava mundialmente conhecido. Por exemplo, logo na introdução do texto *Dialética da Dependência*, Marini ressalta a diferença de trajetória de desenvolvimento das economias dependentes em relação ao capitalismo avançado. O seguinte trecho selecionado de *História da Revolução Russa* ilustra como as noções de Marini e Trotsky se aproximam:

(...) Os países atrasados assimilam as conquistas materiais e ideológicas das nações avançadas. Mas isto não significa que sigam estas últimas servilmente, reproduzindo todas as etapas de seu passado. (...) O desenvolvimento de uma nação historicamente atrasada induz, forçosamente, que se confundam nela, de uma maneira característica, as distintas fases do processo histórico. Aqui o ciclo apresenta, visto em sua totalidade, um caráter confuso, complexo, combinado. (Trotsky ([1930] 2007), p. 20 e 21)

do que já havia sido posto pela Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado e precisaria fazer a devida referência, no mínimo a Trotsky e Lenin, porém nenhuma orientação foi dada ao autor em relação a isto. Esta nota serve por isso como indicativo dessa lacuna e necessidade de atualização do referido capítulo.

⁶ Andre Gunder Frank, também não faz a devida referência a Leon Trotsky, quando utiliza em suas formulações teóricas as premissas e as formulações do que estamos nos referindo como Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado. Sobre a influência de Trotsky em Frank, ver Mantega (1984). É importante destacar que avaliamos de forma problemática a forma como Mantega (1984) analisa e relaciona os textos marxistas de Caio Prado Júnior, André Gunder Frank, Ruy Mauro Marini e outros. Não é o propósito desse artigo realizar uma avaliação sobre a leitura que Guido Mantega apresenta sobre os diversos autores marxistas. Citamos Mantega (1984) para demonstrar a associação que ele faz entre Leon Trotsky e Ruy Mauro Marini, em que nesse aspecto específico julgamos de forma pertinente.

⁷ Essa proposição teórica apresentada por Leon Trotsky está presente em seu texto elaborada para a IV Internacional, “Programa de Transição – A Agonia Mortal do Capitalismo e as Tarefas da IV Internacional”.

É evidente que ambos partilham da compreensão de que as sociedades não pertencentes ao núcleo avançado do sistema capitalista não realizarão o mesmo caminho já efetuado pelos centros. Em relação ao caso concreto do continente, na primeira sessão do texto “Dialética da Dependência”, Marini apresenta uma perspectiva histórica do desenvolvimento econômico da América Latina, apontando a trajetória histórica que condicionou o caráter de sua economia dependente. Nesse sentido, Marini afirma que:

Forjada no calor da expansão comercial promovida no século 16 pelo capitalismo nascente, a América Latina se desenvolve em estreita consonância com a dinâmica do capitalismo internacional. Colônia produtora de metais preciosos e gêneros exóticos, a América Latina contribuiu em um primeiro momento com o aumento do fluxo de mercadorias e a expansão dos meios de pagamento, que, ao mesmo tempo em que permitiam o desenvolvimento do capital comercial e bancário na Europa, sustentaram o sistema manufatureiro europeu e propiciaram o caminho para a criação da grande indústria. (Marini ([1973] 2005), p. 140)

Além da criação do modo de produção capitalista no globo ser um processo desigual (intensificando as forças produtivas em pontos muito concentrados geograficamente, por exemplo), ela é também um processo combinado (as relações econômicas entre campo e cidade, ou entre economias com funções internacionais específicas formam um sistema de partes diferentes em combinação, compondo o sistema como um todo). De acordo com Marini, a dinâmica do subdesenvolvimento e da dependência econômica de vários países é fundamental para garantir o desenvolvimento econômico outros países. Em outras palavras: a trajetória do centro capitalista não poderia ter sido feita se não fossem criadas as estruturas dependentes que caracterizam as economias periféricas. Expondo a perspectiva para o processo histórico da periferia, Trotsky afirma que:

Está claro que a possibilidade de passar por cima das fases intermediárias não é nunca absoluta; está sempre condicionada, em última instância, pela capacidade de assimilação econômica e cultural do país. Além disso, os países atrasados rebaixam sempre o valor das conquistas tomadas do estrangeiro ao assimilá-la à sua cultura mais primitiva. Deste modo, o processo de assimilação toma um caráter contraditório. (Trotsky ([1930] 2007), p. 21)

Outra influência da Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado presente na teoria desenvolvida por Marini se encontra na forma como a teoria apresenta a estrutura de funcionamento do sistema capitalista para pensar a posição e a função da economia latino-americana no decorrer de todo o processo político, econômico e histórico. Marini, ainda na primeira sessão do seu texto, afirma que:

O forte incremento da classe operária industrial e, em geral, da população urbana ocupada na indústria e nos serviços, que se verifica nos países industriais no século passado, não poderia ter acontecido se estes não contassem com os meios de subsistência de origem agropecuária, proporcionados de forma considerável pelos países latino-americanos. Isso foi o que permitiu aprofundar a divisão do trabalho e especializar os países industriais como produtores mundiais de manufaturas. Mas não se reduziu a isso a função cumprida pela América Latina no desenvolvimento do capitalismo: à sua capacidade para criar oferta mundial de alimentos, que aparece como condição necessária de sua inserção na economia internacional capitalista, prontamente será agregada a contribuição para a formação de um mercado de matérias-primas industriais, cuja importância cresce em função do mesmo desenvolvimento industrial. (Marini ([1973] 2005), p. 143)

A ligação entre centro e periferia cumprindo seus papéis e reforçando suas características essenciais mutuamente é facilmente depreendida dos escritos de Marini. Para ele, parece claro que a possibilidade e a manutenção do desenvolvimento econômico de alguns países só foram possíveis em virtude do papel que as economias dependentes da América Latina e de outros continentes cumpriam no sistema que em seu conjunto, pois:

(...) é mediante o aumento de uma massa de produtos cada vez mais baratos no mercado internacional, que a América Latina não só alimenta a expansão quantitativa da produção capitalista nos países industriais, mas também contribui para que sejam superados os obstáculos que o caráter contraditório da acumulação de capital cria para essa expansão. (Marini ([1973] 2005), p. 148)

Um sistema com estas características é irregular, complexo, e combinado:

Uma vez convertida em centro produtor de capital, a América Latina deverá criar, portanto, seu próprio modo de circulação, que não pode ser o mesmo que aquele engendrado pelo capitalismo industrial e que deu lugar à dependência. *Para constituir um todo complexo, há que recorrer a elementos simples e combináveis entre si, mas não iguais.*” (Marini ([1973] 2005), p. 161. Destaque nosso)

Percebe-se que a teoria desenvolvida no decorrer do texto *Dialética da Dependência*, mesmo não constando a devida referência, possui uma nítida relação com as concepções e premissas presentes na Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado. Mesmo utilizando outras palavras para expor a ideia de que a lógica de funcionamento e da estrutura do sistema capitalista é desigual e combinada, destacamos que a semelhança e aproximação é factível e

corroborada pela leitura paralela entre *Dialética da Dependência* e *História da Revolução Russa*⁸.

4. Marini: redescoberta da lei ou influência de Trotsky?

Cabe destacar neste ponto que outros estudos já haviam notado esta semelhança entre estes personagens. Por exemplo, Mantega (1985) afirma que há uma “considerável semelhança” entre o núcleo do “Modelo de Subdesenvolvimento Capitalista” desenvolvido por Ruy Mauro Marini e também por André Gunder Frank e a Teoria da Revolução Permanente e com as teses da IV Internacional elaboradas por Leon Trotsky.

Chilcote (1974), por sua vez, recupera e apresenta ao público leitor de língua inglesa a literatura sobre dependência que se formou na América Latina desde os anos 1960, deixando claro que o tópico abarca diversas posições que freqüentemente entram em conflito. Décadas depois, Chilcote desenvolve com maior atenção a força do pensamento trotskysta sobre os teóricos do desenvolvimento na América Latina. Chilcote (2009)⁹ argumenta que a reavaliação da esquerda sobre as estratégias emanadas da União Soviética foi certamente encorajada pela ascensão do movimento revolucionário em Cuba nos anos 1950, o que possibilitou novas organizações e idéias. Era um movimento de voltar a atenção para Havana ao invés de manter os olhos fixos em Moscou, e isto abriu os horizontes daqueles que não viam mais alternativas ao tradicional receituário que vinha do centro revolucionário original de 1917. Chilcote (2009) relata que diversos pensadores latino-americanos foram influenciados por Trotsky, e que é possível ligar a questão de dependência e subdesenvolvimento com quatro conceitos do pensamento de Trotsky (atraso, desenvolvimento desigual e combinado, revolução permanente e transição e revolução socialistas).

Sobre Marini, especificamente, Chilcote (2009), p. 727, destaca a sugestão de semelhança já apontada por Mantega (1984) e argumenta que Marini, tanto no *Dialética da Dependência* quanto no texto *World Capitalist Accumulation and Sub-Imperialism* de 1978 ofereceu uma variante do desenvolvimento desigual e combinado por meio do argumento da superexploração dos trabalhadores na periferia e da formação do sub-imperialismo. Segundo Chilcote, “essas idéias eram semelhantes às concepções de Leon Trotsky, reproduzidas nas teses da

⁸ Ressaltamos que Karl Marx, Friedrich Engels e Lênin, desenvolveram em suas obras a noção de “desenvolvimento desigual” do capitalismo. Em nossa opinião, Leon Trotsky em sua obra “História da Revolução Russa” acrescentou a essa teoria do desenvolvimento desigual, a noção de “combinação”; culminando portanto no desenvolvimento inédito da Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado.

⁹ Uma tradução do artigo para o português foi feita por Clarice Silvestre Domingos. Ver Chilcote (2009a).

Quarta Internacional.” (Chilcote (2009a), p. 82). Outros estudiosos da América Latina são citados por Chilcote (2009) (Rodolfo Stavenhagen e Pablo González Casanova) para ilustrar que, mesmo sem mencionar Marx, Lenin ou Trotsky, eles acabam chegando nas mesmas categorias elementares que formam, de certa maneira, a base teórica do trotskismo. Isso se relaciona com a tese de fundo deste artigo, que é esboçada nos seguintes termos:

A recuperação do pensamento de Trotsky é importante no processo de verificação e estudo do processo revolucionário no século XX. Isto porque, para dizer de modo muito claro, as generalizações e ordens que foram sendo produzidas pela União Soviética para o movimento comunista internacional não foram adequadas para o progresso da construção socialista no mundo. Em outras palavras, da forma mais direta possível: a guia oficial do Estado soviético, que se cristalizou na tese do socialismo em um só país, falhou. O desenvolvimento desigual e combinado é uma verdade objetiva que transparece em todo estudo sério sobre o movimento do mundo.¹⁰ A redescoberta, de fato, não é do pensamento trotskista, mas do próprio método dialético aplicado ao estudo e transformação da sociedade. É um retorno à filosofia da práxis de Marx, para ajustar as ações em direção ao objetivo dos comunistas.

No caso em análise, o de Marini, o que ressaltamos é que ele chega às formulações de Trotsky à sua própria maneira. Por esta razão, não usa a terminologia desenvolvida na *História da Revolução Russa*, dando a impressão de que o fundo teórico é distinto. Segundo Chilcote (2009a), p. 89, Marini sustentava durante a época da POLOP, que a principal influência do grupo era Lenin. A presença do trotskismo era evidente nos diversos grupos intelectuais e de militância, embora as referências teóricas diretas a Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado sejam escassas nos trabalhos dos teóricos da dependência. Chilcote (2009a), p. 89, afirma que Marini traduziu textos de Trotsky e Lenin sobre o imperialismo, indicando que ele teve contato direto com o material escrito dos líderes da Revolução Russa, mas sua ênfase é destacar que existe uma influência geral de Trotsky sobre a teoria da dependência, em especial as de André Gunder Frank e Ruy Mauro Marini.

De certa forma, pode-se dizer que a controvérsia nuclear do problema (a revolução na América Latina deverá destruir os laços sociais pré-capitalistas, erigir e consolidar as relações burguesas ou abrir caminho para a sociedade socialista?) pode ser respondida recorrendo a Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado. Trata-se aqui de uma questão prática e política

¹⁰ Trotsky (1939) resume o método de Marx para estudo da História com o exemplo da Revolução Russa. Este pequeno texto condensa uma série de conhecimentos que pode incitar o aprofundamento das questões filosóficas, resolvidas pelo desenvolvimento do socialismo científico. Ele contém: o efeito de Marx sobre toda a filosofia, a posição de Trotsky sobre a natureza da União Soviética e uma crítica ao conceito não-dialético da teoria da evolução. Pode ser um ponto de partida interessante para a superação da visão etapista que dominou no decorrer do século XX (e domina ainda hoje) várias correntes da esquerda intelectual e política.

sobre como alinhar temporalmente todas estas três etapas do processo revolucionário para que o fim do Antigo Sistema no continente desencadeie o processo que dê início à Revolução Socialista. A teoria da Revolução Permanente demonstra que toda revolução é um elo do processo total de construção do comunismo não-primitivo, e que, portanto, é possível atuar em cada etapa com vistas à próxima e às seguintes, em uma linha ininterrupta de transformações que ligam sequencialmente todas mudanças da estrutura social umas às outras, em direção à meta dos trabalhadores.

Segundo Castelo e Prado (2012), esta linha marxista remonta de fato a uma “tradição heterodoxa do marxismo” (que conta, além de Trotsky, com Lênin, Gramsci e Mariátegui) que se punha em oposição à visão mecanicista e evolucionista que dominaram as organizações oficiais do movimento operário mundial. E então, muito mais tarde, esta modalidade do método marxista seria reutilizada por vários pensadores e latino-americanos para repensar o continente no processo de desenvolvimento global, visto que o que se processara de 1930 aos anos 1960 não resolvia os principais problemas da América Latina. Mas por que esta linha heterodoxa marxista é necessariamente recuperada?

Sem formular explicitamente esta questão, Castelo e Prado (2012) apontam para a necessidade de evitar reproduzir o desenvolvimentismo, rebatizado novo-desenvolvimentismo, visto que já falhou no teste da História. Em sequência, portanto, recontam a história do pensamento social brasileiro para fulminar o argumento em uma crítica segura à ideologia desenvolvimentista enquanto via para a salvação do país. Partindo da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), passando pelo ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) e pelo PCB enquanto lócus de idéias para o desenvolvimento econômico e social da região, Castelo e Prado (2012) demonstram de forma abrangente de que modo os brasileiros recuperam Trotsky. E então, fazem referência a Felipe Demier, que tem levantado com maior precisão de que modo Trotsky vem sendo redescoberto no país.

Solidamente situado no campo do marxismo, Demier (2005, 2007, 2008) apresenta uma importante contribuição para a reflexão sobre as possíveis semelhanças e influências da teoria de Trotsky com a intelectualidade brasileira no decorrer do século XX. Ele contextualiza o processo histórico de forma crítica e demonstra as relações que envolvem a Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado e as formulações teóricas e estratégias políticas elaboradas por inúmeros intelectuais e organizações políticas no Brasil para pensar o processo histórico, político e econômico, bem como a inserção do país no sistema capitalista mundial. Outro ponto que destacamos nos trabalhos de Felipe Demier refere-se ao seu questionamento quanto ao silenciamento praticado contra Leon Trotsky no meio acadêmico. Demier argumen-

ta que a trajetória política e de vida do revolucionário russo dificultou e dificulta uma “domesticação” de sua teoria tornando mais difícil a sua iluminação pelos holofotes do mundo acadêmico.

Sem aprofundar esta questão, apresentamos uma interpretação condizente com o método científico sobre porque o pensamento de Trotsky é recuperado necessariamente por aqueles que buscam entender a realidade da periferia capitalista no processo mundial da revolução socialista. Independentemente do fato de Marini e outros autores terem estado sob a influência de Trotsky, entendemos que o fato da teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado ser formulada sob outras palavras por diversos outros autores demonstra que a realidade é objetiva e que a descoberta de Trotsky é verdadeira. Em uma palavra: a Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado é um fato objetivo que pode ser descrito de diferentes formas. Do ponto de vista acadêmico e científico, para fins de organização do material intelectual produzido ao longo do tempo e sem desmerecer os avanços e descobertas de outros autores, é obrigatório apontar para a descrição do fenômeno realizada originalmente por Leon Trotsky como forma de facilitar significativamente todo processo de redescoberta e reconstrução da perspectiva revolucionária internacionalista.

5. Algumas considerações sobre a ausência e presença de Trotsky

Compartilhamos, junto com os autores mencionados, da visão de que é no mínimo curioso, verificar que Marini não faz nenhuma referência a Trotsky no decorrer de seu texto, visto que há uma relação direta entre as formulações gerais do processo capitalista em *História da Revolução Russa e Dialética da Dependência*. Ainda mais quanto se sabe que Marini teve acesso ao trabalho de Ernest Mandel, importante economista marxista que expressava publicamente a influência que Trotsky exercia em suas formulações teóricas.

Mas a oposição de Trotsky à política burocrática que caracterizou o processo de degeneração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) fez com que ele sofresse um longo processo de exílio em alguns países antes, tendo a sua atuação política bastante prejudicada.¹¹ Sua perspectiva teórica, naturalmente, também encontrou sérias dificuldades para se difundir.

¹¹ Para um debate mais profundo sobre esse confronto teórico e político desenvolvido por Trotsky, ver: Bensaid (2008), Bianchi (2005), Coggiola (1990), Coggiola (1999), Coggiola (2008), Deutscher ([1954] 1984), Deutscher ([1959] 1984), Deutscher ([1963] 1984), Mandel (1995), Trotsky ([1930] 1978) e Trotsky ([1936] 2005).

Nesse sentido é possível avaliarmos que Leon Trotsky e sua teoria e prática revolucionárias foram marginalizados e banidos do mundo acadêmico, tanto no Leste quanto no ocidente. Como bem lembrou Demier (2005):

Não sabemos ao certo as razões que relegaram o nome de Trotsky a uma zona de sombras. Possivelmente, o longo tempo de hegemonia stalinista nos meios acadêmicos de esquerda possa ter contribuído para que, mesmo depois de superado definitivamente o *esquematismo etapista-dualista*, uma simples alusão ao dissidente soviético ainda continue a ser vista como uma atitude herética. (Demier (2005), p.)¹²

De toda forma, avaliamos que a contribuição teórica de Leon Trotsky possui, se não uma influência central nas formulações apresentadas pela teoria marxista da dependência, pelo menos uma comprovada similaridade a partir de um estudo simultâneo da teoria desenvolvida por Ruy Mauro Marini no texto *Dialética da Dependência* e da avaliação histórica de Trotsky sobre a Revolução Russa.

Destacamos ainda que, além da similaridade entre a teoria de Trotsky com a teoria desenvolvida por Marini, há entre esses dois autores outros pontos de contato. Ambos, além de intelectuais orgânicos com uma prática reconhecida na militância política, defendiam uma perspectiva comum para a estratégia de luta dos trabalhadores, demonstrando não apenas a viabilidade, mas a necessidade dos países subdesenvolvidos serem palcos de processos revolucionários que pautavam a ruptura com o capitalismo como única alternativa concreta para superar a extrema desigualdade econômica e social que caracterizava (e ainda caracteriza) os países da América Latina e de outros continentes localizados na “periferia” do sistema capitalista.

Referências

Bensaid, Daniel (2008). *Trotskismos*. Lisboa, Portugal: Edições Combate/Rainho & Neves, 2008. Tradução: Sérgio Vitorino.

Bianchi, Alvaro (2005). *Trotsky em Português: um esboço bibliográfico*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2005. (Col. Textos Didáticos, n. 54.)

¹² Demier (2012), em sua tese de doutorado, deu prosseguimento à pesquisa de conexão oculta entre Trotsky e os intelectuais de esquerda na América Latina ao prosseguir um projeto de trabalho não finalizado por Ruy Mauro Marini, que buscava compreender as formas bonapartistas assumidas pela dominação burguesa no Brasil. Indica-se a consulta a este trabalho para aprofundar a discussão sobre a influência do pensamento trotskysta no país.

Castelo, Rodrigo e Prado, Fernando Correa (2012). *Para a crítica da economia política desenvolvimentista: aproximações heterodoxas ao marxismo latino-americano*. Trabalho apresentado no I Seminário de Crítica da Economia Política, Teófilo Otoni (UFVJM), 28-30 de março 2012.

Chilcote, Ronald H. (1974). Dependency: A Critical Synthesis of the Literature. *Latin American Perspectives*, vol. 1, no. 1, pp. 4-29.

Chilcote, Ronald H. (2009). Trotsky and Development Theory in Latin America. *Critical Sociology*, 35 (6), pp. 719-741.

Chilcote, Ronald H. (2009a). Influências Trotskistas Sobre a Teoria do Desenvolvimento da América Latina. *Revista de Ciências Sociais*, vol. 40, no. 1, pp. 73-98.

Chilcote, Ronald H. (2012). Trotsky e a teoria latino-americana do desenvolvimento. *Revista Crítica Marxista*, São Paulo, nº 34, 2012.

Coggiola, Osvaldo (1990). *Trotsky, Ontem e Hoje*. Editora Oficina de Livros. Belo Horizonte.

Coggiola, Osvaldo (1999). O Assassinato de Trotsky à luz da História. *Revista de História*, no. 141. pp. 101-139. São Paulo, 1999. Disponível em: <http://periodicos.usp.br/revhistoria/article/view/18886/20949> [acesso 18/02/2013]

Coggiola, Osvaldo (2008). 1938 - 2008: Setenta anos da Fundação da IV Internacional. Em Defesa de Leon Trotsky. *Projeto História*, São Paulo, n.36, p. 145-183, 2008.

Demier, Felipe Abranches (2005). Trotsky e os estudos sobre o populismo brasileiro. *Revista do Instituto de Estudos Socialistas*, São Paulo, n. 13, out. 2005.

Demier, Felipe Abranches (2007). A lei do desenvolvimento desigual e combinado de León Trotsky e a intelectualidade brasileira: breves comentários sobre uma relação pouco conhecida. *Anais do V Colóquio Internacional Marx e Engels*. Campinas: Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), 2007. Disponível em: www.unicamp.br/ce marx/anais_v_coloquio.../Felipe_Demier.pdf [acesso 18/02/2013]

Demier, Felipe Abranches (2008) *Do movimento operário para a universidade: Leon Trotsky e os estudos sobre o populismo brasileiro*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2008.

Demier, Felipe Abranches (2012). *O longo bonapartismo brasileiro (1930-1964): autonomia relativa do Estado, populismo, historiografia e movimento operário*. Tese (Doutorado), Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2012.

Deutscher, Isaac ([1954] 1984). *Trotski: O Profeta Armado (1879-1921)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2ª Edição.

Deutscher, Isaac ([1959] 1984). *Trotski: O Profeta Desarmado (1921-1929)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2ª Edição.

- Deutscher, Isaac ([1963] 1984) *Trotsky: O Profeta Banido (1929-1940)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2ª Edição.
- Fernandes, Florestan (1995). Trotsky e a revolução. In: Coggiola, Osvaldo e Sachetta, Vladimir. (Org.). *Florestan Fernandes. Em busca do socialismo: últimos escritos & Outros textos*. São Paulo: Xamã, 1995.
- Luxemburg, Rosa ([1912] 1985). *A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural.
- Mandel, Ernest (1995). *Trotsky como alternativa*. 1ª Edição. São Paulo. Editora Xamã.
- Mantega, Guido (1985). *A Economia Política Brasileira*. 3ª Edição. São Paulo/Petrópolis: Editora polis/vozes.
- Marini, Ruy Mauro ([1973] 2005). Dialética da dependência. In: Traspadini, Roberta e Stedile, João. (Org.). *Ruy Mauro Marini: Vida e Obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- Marini, Ruy Mauro. (2005) Sobre a Dialética da Dependência. In: Traspadini, Roberta e Stedile, João. (Org.). *Ruy Mauro Marini: Vida e Obra*. São Paulo: Expressão Popular.
- Marini, Ruy Mauro (2012). *Subdesenvolvimento e Revolução*. Florianópolis: Editora Insular.
- Novack, George (2008). O desenvolvimento desigual e combinado na história. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann.
- Trotsky, Leon. ([1930] 2007). *História da Revolução Russa*. São Paulo: Sundermann.
- Trotsky, Leon. (1978) *Minha Vida: Ensaio autobiográfico*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2ª Edição.
- Trotsky, Leon ([1936] 2005) *A Revolução Traída. O que é e para onde vai a URSS?* São Paulo. Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann.
- Trotsky, Leon (2008) *O programa de transição para a revolução socialista*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann.
- Trotsky, Leon. (2010). *A teoria da revolução permanente*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann.